



Palavras e Imagens sobre Amizade Jovem na Contemporaneidade

Suzana Feldens Schwertner

RESUMO – Palavras e Imagens sobre Amizade Jovem na Contemporaneidade. Como pensar as formas pelas quais se estabelecem as relações de amizade na contemporaneidade? Como contribuir para avançar o pensamento sobre a temática, dada a importância da amizade como espaço político e social? Com o objetivo de debater tais questões, foram organizados doze encontros com 122 alunos de 7ª e 8ª séries de uma escola de ensino público da região sul. A pesquisa toma como base teórica a hermenêutica de Michel Foucault, bem como seus estudos sobre ética e estética. Os resultados da pesquisa destacam a força do discurso familiar e a contribuição das dinâmicas de gênero no laço de amizade jovem. A *Internet* provou ser de suma importância, trazendo ao nosso estudo dados consistentes para investigar como se configuram as relações de amizade na atualidade.

Palavras-chave: **Amizade. Juventudes. Mídia. Educação.**

ABSTRACT – Words and Images of Contemporary Youth Friendship. How the ways friendship ties are established can be thought nowadays? How to advance the discussion of the topic of friendship given its importance in the social and political space? In order to debate those issues, twelve meetings were held with 122 students in the seventh and eighth grades from South Brazilian public schools. The present research takes Michel Foucault's hermeneutics as its theoretical framework, as well as his studies of ethics and aesthetics. In terms of research findings we highlight the strength of familiar discourse and the contribution of gender dynamics to youth friendship ties. The internet has proved to be of paramount importance to these youngsters, bringing consistent data to investigate how youth friendship relations are being configured nowadays.

Keywords: **Friendship. Youth. Media. Education.**

O presente trabalho busca compreender modos de subjetivação jovem, perguntando-se sobre as *verdades* acerca da configuração de relações de amizade. O que jovens alunos têm a nos mostrar e contar sobre suas formas de atuar e imaginar a amizade na atualidade? E o que eles falam sobre amizade como espaço de convivência, de trocas, de possibilidades e de riscos? Imaginar no sentido de entender suas intrincadas e complexas redes de amizade, mas igualmente associar a essas relações determinadas imagens.

A fim de debater tais questões, o estudo investiga a temática da amizade entre alunos gaúchos, mais precisamente alunos de 7ª e 8ª séries de uma escola de ensino público na região metropolitana de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Analisa traços, palavras e imagens do discurso jovem sobre modos de relacionamento e expressões da amizade, *nas palavras e nas coisas*. O trabalho preocupa-se em entender como determinadas imagens e discursos engendram formas de aprender sobre a amizade, em uma fase crucial da vida jovem e igualmente da vida escolar: os últimos anos do Ensino Fundamental. Iniciamos o artigo com uma discussão teórica sobre a temática da amizade, conforme os estudos de Michel Foucault, para, em seguida, apresentar a pesquisa realizada, bem como os resultados do trabalho.

Ao propor uma discussão sobre a amizade, torna-se necessário apontar para dois aspectos iniciais: o primeiro, que define a amizade através de contornos familiares e intimistas. Nesta perspectiva, o espaço destinado à amizade é um *espaço privado* (como a casa, por exemplo), e as relações familiares seriam seu principal modelo de configuração. Tal perspectiva é abordada através dos estudos sociológicos, mais especificamente a partir dos anos 1970 (Ortega, 1999; 2000; 2002). O segundo aspecto, diferenciando-se do primeiro, assinala a amizade como *espaço público* de embate e discussões, mas igualmente como espaço de criação, espaço de trocas entre aqueles que vivem além do laço familiar. As ruas, as praças, as universidades e as escolas seriam exemplos de lugares em que essa configuração seria possível. Afiliam-se a esse pensamento filósofos franceses como Jacques Derrida e Michel Foucault.

No presente trabalho, investigamos as bases teóricas de Michel Foucault (1992; 2004), em sua arqueologia e hermenêutica. Na densidade dos estudos sobre *As Palavras e as Coisas* e, ainda mais, nas intrigantes relações de cuidado de si investigadas em *A Hermenêutica do Sujeito*, buscamos as bases conceituais. Michel Foucault, em seus últimos escritos sobre ética e estética da existência, define amizade como espaço agonístico e democrático, de experimentação e criações. As temáticas da ética e estética da existência, abordadas nos derradeiros escritos de Michel Foucault, nos levam a pensar em uma abordagem da amizade, desdobrando-a numa dimensão ético-política, que atualiza termos como cuidado de si e cuidado do outro, ascese, conversão, *philia* – palavras que Foucault pesquisou nas fontes gregas clássicas e do início da era cristã.

Platão e Aristóteles, os primeiros a discorrer sobre as relações de amizade, trazem duas visões específicas, que marcam o conceito. Platão, pioneiro no tratamento do tema da amizade e interessado em estabelecer uma noção onto-

lógica da *philia*, preocupa-se em identificar amizade com a procura de conhecimento. Já Aristóteles propõe uma dissociação entre *eros* (composto por uma mistura de amor, paixão e passividade) e *philia*, um sentimento mais racional, compreendido pela ação e que teria, por finalidade, uma ética entre os agentes envolvidos. O amor caracteriza-se, assim, em um impulso não-filosófico, enquanto “[...] as amizades são governadas pelas partes mais elevadas da alma” (Ortega, 2002, p. 38) e a sua figura seria representada por duas pessoas que caminham juntas (Aristóteles apud Baldini, 2000, p. 59).

Na obra *Ética a Nicômaco* (mais especificamente nos livros oitavo e nono), Aristóteles define três tipos de amizade, conforme a base de sua intenção: prazer, utilidade e virtude (Lohuizen-Mulder, 1977). A *teleia philia* é caracterizada pelo filósofo por aspectos como a virtude e a benevolência recíproca, serviria como um fim em si mesma e permaneceria com o tempo: “As pessoas, pois, que querem bem a alguém dessa forma, mesmo sem serem retribuídos por parte do outro, chama-se benévolos: quando há retribuição, de fato, a benevolência se chama amizade” (Aristóteles apud Baldini, p. 62). Trata-se de uma amizade rara e transcendente, *quase impossível*, e que serviria de modelo e padrão de medida para as relações de afinidade.

A esfera do político na civilização grega clássica incluía as relações de amizade, e o conceito de comunidade (*koinoia*) tornou-se a base dos laços: compartilhar interesses, engajar-se na procura de conhecimento requer uma vida comunal. Para Aristóteles, o objetivo final da política seria produzir amizade. Nas palavras de Ortega (2002), para os cidadãos da Grécia clássica, para além de companhia agradável, os amigos

[...] apoiam nossa boa conduta como companheiros e como objetos da ação virtuosa; a vida compartilhada com o amigo contribui para a realização da excelência moral, na base da felicidade, pois a amizade cria uma arena para a expressão da virtude (Ortega, 2002, p. 40).

Tal virtude é elaborada a partir do contato com o outro, da contemplação do outro. Conforme o autor destaca, o eu, para os gregos, não é caracterizado pela introspecção e sim como um *campo aberto de forças*:

O indivíduo projeta-se e objetiva-se nas atividades e obras que realiza e que lhe permitem apreender-se; trata-se de uma experiência voltada para fora, o indivíduo se encontra e se apreende nos outros (Ortega, 2002, p. 42).

Amizade teria, assim, uma dimensão política, tal qual entendida por Foucault. Para o filósofo francês o aspecto político da amizade caracteriza-se de modo ainda mais complexo, estendendo-se de uma autoelaboração individual até uma prática de dimensão coletiva; em outras palavras, a amizade estaria, conforme Foucault, fortemente relacionada ao que o filósofo chamou de estética da existência. Seria possível – respeitando as diferenças de ordem temporal, histórica, social e cultural, nas práticas aqui consideradas sobre a amizade –

fazer-se melhor, hoje, pela transformação a partir do encontro com os outros?

Relações de amizade são entendidas aqui como relações ambíguas, que afirmam e igualmente ameaçam um senso de identidade estável. Ao mesmo tempo em que proporcionam alívio ao desamparo, paralelamente levam o jovem a pensar as diferenças e confrontar-se com a alteridade, com o outro em sua diferença e estranheza. Aspectos como competição, discórdia, discussões e rivalidades são concomitantes a momentos de solidariedade, criação, invenção e compartilhamento. Relações de convivência em que assimetria e não-reciprocidade podem ser compatíveis com sentimentos de igualdade, solidariedade e responsabilidade (Kehl, 2000; 2008).

Modos de Relacionamento: entre o cuidado de si e os relacionamentos de bolso

Em uma das últimas entrevistas concedidas por Foucault, o autor defende a ideia de amizade como modo de vida. Partindo de uma discussão sobre os modos de relacionamento homossexuais, Foucault preocupa-se em ampliar o entendimento de amizade para relações que contemplem outros espaços (especialmente nas esferas da vida pública), sem regras pré-definidas, sem a necessidade de uma paridade, mas com a presença constante do cuidado consigo e com o outro:

Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética (Foucault, 1985, p. 38).

A temática da amizade aparece bem explorada na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, de Michel Foucault, ainda que a palavra amizade esteja raras vezes presente nas aulas deste curso¹. O conceito de cuidado de si (*epimeleia heautou*), que se caracteriza também pelo cuidado do outro e que pode ser pensado a partir da amizade, é amplamente abordado pelo autor. *Epimeleia heautou*, segundo Foucault, não significa um interesse em si mesmo, um *autofascínio*: é uma palavra “[...] muito poderosa no grego, que significa trabalhar ou estar preocupado com alguma coisa” (Foucault, 1995a, p. 268). É uma atividade que exige muito tempo, talvez a duração de toda uma vida: “Aprender a viver a vida inteira era um aforismo citado por Sêneca e que convida a transformar a existência numa espécie de exercício permanente; e mesmo que seja bom começar cedo, é importante jamais relaxar” (Foucault, 1985, p. 54).

Nos séculos I e II de nossa era, propõe Foucault, o cuidado de si intensifica-se e atinge a categoria de prática social: o cuidado de si como transformação, como construção de uma *paraskeuê* (um equipamento, um conjunto de ferramentas, aquilo que se deve levar consigo para enfrentar a vida), tem como

objetivo a ascese, a reinvenção de si. A atividade *consagrada a si mesmo* envolve o cuidado de si e a comunicação com outrem, “[...] um dos pontos mais importantes dessa atividade [...] ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (Foucault, 1985, p. 57). E justamente essa reinvenção, transformação, essa prática social advém de um cuidado de si: “Pensar hoje em dia em conceitos como ascese ou amizade constitui um dos desafios legados por Michel Foucault” (Ortega, 1999, p. 26).

O *ocupar-se consigo mesmo* se define então como um ato de conhecimento, que deve ser acompanhado de uma transformação que coloca o próprio sujeito em causa, relacionando-o com sua própria experiência. E envolve, além de si mesmo, *outros* que participam desse cuidado:

Ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é “sujeito de”, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e de atitudes em geral, sujeito também da relação consigo mesmo (Foucault, 2004, p. 71).

Prática de si, cuidado de si, ocupar-se consigo mesmo são faces de uma mesma moeda, que tem por finalidade a busca por uma arte de viver. Trata-se de uma preparação – não apenas uma técnica isolada, e sim um conjunto de práticas – que permite, ao mesmo tempo, aberturas e fechamentos, aprendizagem que se adquire *de fora* (através do mestre, do discípulo, do amigo) e que se transforma no sujeito, pela prática de si:

A *paraskeuê* é o elemento de transformação do logos em *êthos*. Pode-se então definir a *âskesis*: ela será o conjunto, a sucessão regrada, calculada dos procedimentos que são aptos para que o indivíduo possa formar, fixar definitivamente, reativar periodicamente e reforçar quando necessário, a *paraskeuê*. A *âskesis* é o que permite que o dizer-verdadeiro – dizer-verdadeiro endereçado ao sujeito, dizer-verdadeiro que o sujeito endereça também a si mesmo – constitua-se como maneira de ser do sujeito. A *âskesis* faz do dizer-verdadeiro um modo de ser do sujeito (Foucault, 2004, p. 395).

A relação do sujeito com a verdade (princípio fundamental na filosofia pagã), bem como a ligação com a verdade no interior do sujeito, passava por uma transformação que envolvia um outro – o mestre, o amigo (para Sêneca), o desconhecido (para Galeno). Assim, a ligação com o outro se tornava cada vez mais importante e crucial para o cuidado de si, que teria como finalidade a ascese.

A ascese para os gregos da Antiguidade Clássica, como bem destaca Foucault (2004), não pode ser entendida como uma moral de renúncia (tal como definida na era cristã), mas entendida como uma prática, como exercício sobre si mesmo, “[...] mediante o qual busca elaborar-se, transformar-se e ascender a um certo modo de ser” (Foucault, 1999, p. 394). E para que esta constituição de si aconteça, a presença, a inserção e a constante intervenção do outro são fundamentais.

Ao tratar da concepção de amizade para os epicuristas, Foucault afirma: “A amizade nada mais é que uma das formas que se dá ao cuidado de si” (Foucault, 2004, p. 239). Os amigos são aqueles que estão inseridos nas redes de trocas sociais e de utilidades e que participam ativamente deste *ocupar-se consigo mesmo*.

Tais modos de subjetivação nos falam de um sujeito que está por se fazer, e isso está diretamente relacionado à tarefa cotidiana da educação. Ou daquilo que Foucault vai chamar, conforme os gregos do início do século, de *edução* (Foucault, 2004). O autor diferencia, conforme seus estudos sobre os gregos da época clássica, dois verbos: o *educare* e o *educere*. Aponta *educare* como uma educação tradicional, professada por alguém que ensina verdades e princípios, que transmite saberes e habilidades. Já o verbo *educere* se refere a algo capaz de “[...] estender a mão, fazer sair, conduzir para fora [...] É uma espécie de operação que incide sobre o modo de ser do próprio sujeito, não simplesmente a transmissão de um saber que pudesse ocupar o lugar ou ser o substituto da ignorância” (Foucault, 2004, p. 165-166). O autor trata aqui de algo que se constitui por um *a mais*, algo que vai além da educação formal e tradicional: uma educação no sentido de formação, de constituição de subjetividades, de modos de subjetivação. Podemos acrescentar as práticas de amizade como um dos componentes do *educere*, tal como proposto por Foucault: o eu não se faz sozinho, ele se faz somente pela presença do outro.

Como pensar em amizade atualmente, entre jovens, partindo desta ideia de iniciativa, de inauguração, de múltiplas possibilidades de encontro no espaço público? Conforme Foucault instigava, seria necessária uma alternativa, uma abertura a novas formas de relação que não se caracterizasse pelo apagamento das diferenças. Quais as possibilidades do risco – de abertura ao desconhecido, de encontro com a pluralidade – nas novas gerações? A ideia de lançar tal discussão sobre amizade e juventude sugere pensar e problematizar a respeito das formas de convivência configuradas neste nosso tempo globalizado, marcado pela crescente virtualização das relações sociais.

Neste tempo, caracterizado pela *modernidade líquida*, como sugere Zygmunt Bauman (1998; 2000; 2003; 2008), nossos relacionamentos mostram-se paradoxais e ambivalentes. Vivemos um momento em que as pessoas parecem carentes de companhia, buscando relacionar-se com alguém; porém, nesse processo, temem que os vínculos surgidos de um relacionamento demandem muita atenção, uma certa dependência em relação aos outros e tragam a consequente privação de *liberdade*. Relacionamentos que implicam comprometimento e responsabilidade parecem não estar na *ordem do dia*; conforme Bauman, nossa época solicita uma espécie de *relacionamento de bolso*: aquele que está à mão para quando for preciso e que pode ser *guardado* nos momentos em que não se faz necessário.

Trata-se de uma proposição bem diferente daquela defendida pelos antigos gregos da *era de ouro*, segundo Foucault. Para eles, haveria uma ferramenta existencial que deveríamos guardar à mão, que nunca deveria ser descartada. A

paraskeuê seria uma espécie de equipamento que se leva consigo para enfrentar a vida, ao qual se deveria retornar, retomando-o sempre que necessário, para reforçar as virtudes, para escapar às tentações, para fazer de si alguém melhor, para si mesmo e especialmente para os outros. A *paraskeuê* constituía-se por meio de técnicas diversas, como os exercícios progressivos de memorização, a escrita pessoal e a meditação. Tal ferramenta, que tinha como finalidade “[...] dotar o sujeito de uma verdade que ele não conhecia e que não residia nele [...]” (Foucault, 2004, p. 608), contava com a participação contínua de outros (mestres, discípulos, amigos) para seu aperfeiçoamento. Outros com os quais o comprometimento era, via de regra, fundamental, e que poderia durar a extensão de uma vida – e, muitas vezes, para além dela, sob a forma de herança e ensinamentos que permaneciam entre os vivos.

O que se produz de mudanças quando nos deparamos com um conjunto de novas práticas, trazidas pelo desenvolvimento econômico, tecnológico e cultural, hoje experimentado? Pensar sobre os efeitos culturais e sociais da globalização implica igualmente questionar de que forma novas tecnologias de informação e comunicação estão modificando e recriando modos de relacionamento entre as pessoas.

Organização da Pesquisa e Análises Iniciais

Partimos do pressuposto de que, para entender sobre as palavras e as imagens da amizade para jovens alunos, tornava-se necessário investigar mais amplamente sobre a importância dos relacionamentos de amizade em suas vidas cotidianas, bem como suas mais diversas formas de entretenimento nas horas de lazer. Afinal de contas, de todas as atividades diárias pertinentes ao mundo juvenil, qual o espaço e o tempo destinado a conhecer novas pessoas ou fortalecer os laços de amizade? Para ter acesso a estes dados, na primeira fase da pesquisa, um questionário sobre o consumo cultural foi aplicado a 122 alunos de sétimas e oitavas séries (65 meninas e 57 meninos, com idades entre 12 a 15 anos) de uma escola de ensino público. Foram formados quatro grupos de trabalho, conforme a divisão das turmas em sala de aula: dois grupos nas turmas da sétima série (71 e 72) e dois grupos nas turmas de oitava série (81 e 82). Na segunda etapa do trabalho, esses mesmos grupos de alunos foram estimulados a selecionar imagens significativas sobre amizade; ao final dessa etapa, foi criada uma *Coleção de Imagens*, que serviu como base para a última fase do estudo, o momento de entrevista com os jovens².

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a da foto-elicitação (Prosser; Schwartz, 1998), que consiste em utilizar imagens (fotografias) durante o processo de coleta de dados como dispositivo de entrevista. Conforme Prosser e Loxley (2008), essa é uma técnica relevante, pela qual se estabelece relação entre as imagens e os participantes da pesquisa, contribuindo para um trabalho mais participativo e de colaboração: “Há um imenso potencial

na foto-elicitação quando os informantes criam ou encontram fotografias que possuem significados para eles” (Prosser; Loxley, 2008, p. 21, tradução nossa). Conforme Douglas Harper (2002), o processo de foto-elicitação (mesmo se realizando apenas entre duas pessoas – o pesquisador e o sujeito de pesquisa) implica falar sobre as imagens em conjunto, momento em que as diferenças na percepção podem ser definidas, comparadas e entendidas, e assim, socialmente construídas por ambas as partes.

Propomos, neste trabalho, estender a técnica de elicitação visual para um trabalho de recepção com vídeos, e outros materiais visuais (fotografias, recortes, desenhos, charges e outros), caracterizando uma metodologia de elicitação por meio de imagens. A partir dessa nova maneira de organizar a pesquisa, propomos uma ação e ao mesmo tempo uma estratégia educativa de mostrar e falar sobre as imagens da amizade. O trabalho metodológico preocupou-se, nessa perspectiva, com o levantamento, registro e elicitação de imagens, a partir de três encontros com cada um dos quatro grupos de sétima e oitava séries. Através das imagens selecionadas pelos alunos, uma *Coleção de Imagens* foi organizada (em forma de *PowerPoint*), servindo como material para a etapa da elicitação visual.

Poderíamos arriscar-nos a pensar tal metodologia de pesquisa como intrinsecamente relacionada ao conceito que buscamos investigar? Não seria exatamente este o processo de construção da amizade, entendida como abertura para novas percepções, novos pontos de vista (aqui novamente implicando o olhar), para a troca de ideias, argumentações, para *pensar de outro modo*?

Denominamos *Coleção de Imagens* as 28 imagens selecionadas pelos alunos para a terceira fase do trabalho de pesquisa. Em cada turma, foram reunidos de cinco a oito grupos, que escolheram, ao final do segundo encontro, uma imagem significativa para cada grupo. Destas 28 imagens, seis podem ser enquadradas no suporte *fotografia pessoal*, sendo que uma delas é a fotografia da turma da escola. Oito imagens foram retiradas de revistas de circulação nacional, cinco imagens foram coletadas na *Internet*, quatro foram desenhos e colagens realizados pelos próprios grupos. Ainda outras três fotografias foram recortadas de jornal, uma imagem de encarte publicitário e outra retirada de uma agenda escolar antiga. Os suportes nos apontam para a diversidade de materiais coletados pelos alunos, a partir de diferentes fontes de pesquisa das imagens.

As meninas (anônimas) aparecem na maioria das imagens, especialmente em duplas (através de imagens que remetem a algo de segredo, confidencialidade e harmonia), mas também é possível observar trios e quartetos, todos compostos exclusivamente por meninas e mulheres. Haveria aí uma estreita correlação da amizade com o feminino? Vale lembrar aqui o fato de as mulheres não participarem das relações de amizade na pólis grega ou na época romana; e também que a amizade era restrita aos monges no cristianismo. Para Montaigne (1987), a amizade feminina jamais seria possível; Foucault também não faz referências a relações de amizade entre mulheres.

Seleção de Imagens



Os meninos não estão significativamente presentes nas imagens. Aparecem em uma fotografia pessoal, composta por crianças; em outras imagens, acompanhados de meninas. Foi selecionada apenas uma fotografia pessoal, com crianças em um ambiente familiar, contando exclusivamente com a presença de meninos. Quando aparecem nas imagens, próximos ou abraçados, não são – como na maioria das imagens em que a figura feminina prevalece – pessoas anônimas: são *celebridades*, artistas da área televisiva ou musical.

Mas, ainda assim, há meninos que se opõem a tais imagens como representantes da amizade, pois dizem haver ali algo de interesse comercial, de publicidade, com intenções de venda (não legitimando, assim, a possibilidade de afeto); ou apontam que há, ali, uma expressão de homossexualidade, especialmente pelo abraço – que, para as meninas, é componente fundamental da amizade.

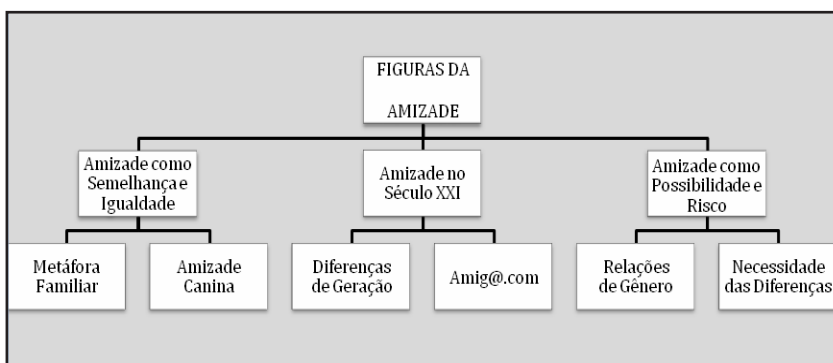
A amizade como *sentimento natural* é um dos elementos reiteradamente presentes nas entrevistas. De modo mais radical, os jovens a definem como algo com o qual nascemos: já estamos *equipados* com esse sentimento desde o nascimento. A imagem que apresenta duas crianças, como a imagem abaixo, foi selecionada para registrar um aspecto da amizade – como sentimento *natural*, envolve criança e bebê.

Sentimento Natural



Figuras da Amizade

Com a finalidade de organizar as categorias ou unidades, conforme a *materialidade repetível* e a busca por enunciados acerca das relações de amizade para alunos das últimas séries do Ensino Fundamental, delimitamos, a partir da análise das imagens e das entrevistas com os alunos, três blocos de análise, cada qual composto por duas categorias, conforme o esquema abaixo:



Apresentamos, a seguir, aquilo que denominamos *Figuras da Amizade*, incluindo como exemplo algumas falas dos alunos no início da discussão de cada categoria de análise.

Amizade como Semelhança e Igualdade

Neste bloco de análise, levamos em conta a necessidade de reconhecer no amigo o semelhante, aquele que é muito próximo nos gostos, opiniões, pensamentos. Isso que convoca a pensar supostamente na família como uma estrutura a repetir nas relações de amizade. Chamamos esta categoria de *Metáfora Familiar*. Ainda neste bloco pudemos classificar uma outra forma de considerar as relações de amizade como um ato unilateral, como isenção de responsabilidades e de negociação (próprios do humano): chamamos esta categoria de *Amizade Canina*.

Metáfora Familiar

Luciana: E o amor que eu queria ter pelos irmãos eu tentava buscar aquilo de irmão nos meus primos... tem muita gente que não dá bola pro amor de irmão... eu acho que amor de irmão... eles vão estar sempre do teu lado! Sempre! Que dependendo do irmão que tu tem, pode ser uma segunda mãe pra ti...

Celina: Que teus amigos podem te deixar de lado e teus irmãos nunca vão...

A metáfora referente à família é bastante empregada pelos alunos, especialmente para classificar os amigos *de verdade*, aquelas pessoas que parecem ultrapassar as fronteiras de uma relação de amizade, adentrando os limites da família. Segundo a filósofa Hannah Arendt, a família é o espaço do antipolítico por excelência, pois não comporta a pluralidade, valendo-se da convivência entre os iguais. Segundo entendimento de Arendt, a recorrência à metáfora familiar para definir as relações humanas pode indicar uma busca por segurança:

As famílias são fundadas como abrigos e castelos sólidos num mundo inóspito e estranho, no qual se precisa ter parentesco. Esse desejo leva à perversão fundamental da coisa política, porque anula a qualidade básica da pluralidade ou a perde através da introdução do conceito de parentesco (Arendt, 1998, p. 22).

O irmão *stricto sensu*, considerado *de sangue*, é aquele que se acompanha desde o nascimento, aquele que já se conhece, que se sabe como vai agir e reagir, com quem não é necessário inventar uma relação *do nada* – uma vez que ela está criada a partir dos laços familiares – e com quem parece não se enfrentar imprevistos maiores.

A família aparece como uma estrutura a repetir nas relações de amizade, espaço em que os laços *de sangue* produziram uma relação de amizade *mais verdadeira*, mais comprometida; porém, uma relação que não inclui o componente da escolha. A utilização da palavra amigo para definir a pessoa em quem se confia e com quem se pode contar parece não ser suficiente. É preciso lançar mão da metáfora familiar, mais precisamente da figura do irmão, para descrever o melhor amigo.

A metáfora familiar, como sabemos, é bastante empregada, nas mais diferentes situações, nos mais diversos ambientes e instituições, como as igrejas, os ambientes de trabalho, os times esportivos: qual a empresa que não se intitula *uma família* ou o grupo musical que seguidamente afirma *aqui todo mundo é irmão*? Quando se busca afirmar que um amigo é muito especial, ele imediatamente passa à condição privilegiada de irmão. Também a escola é lugar que não escapa a tal metáfora: basta lembrar a figura da professora, chamada de *mãe* ou *tia*; e os alunos, chamados de *irmãos*. Francisco Ortega nos ajuda a entender essa quase dependência em relação à metáfora familiar:

O medo ao diferente, aberto, indeterminado, contingente e desconhecido leva-nos, sem dúvida, a procurar analogias, formas de adaptação e tradução em imagens conhecidas e próximas, que nas descrições das relações pessoais são as da gramática familiar (Ortega, 2002, p. 124).

Vale destacar que as noções de família se modificam historicamente e, ainda que muitos propaguem uma *crise da família*, certamente tratam de uma determinada ideia de família – aquela nuclear e tradicional, composta por

pai, mãe e filhos. Hoje, as configurações são múltiplas, incluindo substitutos e outras formas alternativas de arranjo. Como os jovens mesmo apontam – e fazem questão de assinalar, no questionário³ – suas famílias são constituídas por padrastos, avós, irmãos que são filhos de outros pais, tios e tias, primos e, inclusive, amigos, que também dividem a moradia em suas casas, passando a fazer parte da família. Conforme Derrida e Roudinesco (2004), a família permanece eterna enquanto função, enquanto laço social organizado em torno da procriação, em torno do nascimento. Não se trata, para os autores, de falar da família, mas de famílias, de vínculos: “Não falaria portanto de uma ‘eternidade’ de um modelo familiar qualquer, mas de uma trans-historicidade do laço familiar” (Derrida; Roudinesco, 2004, p. 52).

Amizade como semelhança e igualdade encontra sua expressão máxima a partir da metáfora familiar, mas também segue presente em muitos dos momentos do debate na categoria analisada a seguir, *Amizade Canina*, que não deixa de considerar o cão como um *membro da família*.

Amizade Canina

Fernanda: Também, acho que é muito fácil ter amizade com animal porque ele não tem como falar e... tudo o que tu falar pra ele, vai aceitar e não vai comentar!

Rita: Ele aceita tudo!

Kátia: Tipo assim, sabe aquele ditado que o melhor amigo do homem é o cachorro? Porque, tipo assim, o animal – cachorro, gato, qualquer bicho – tu sabe que tu vai falar aquilo pra ele e ele não vai falar pra ninguém, se tu fala com qualquer amigo teu, tu... tem que confiar... porque, tipo, ele pode contar pra alguém e o animal não tem como ele falar pra alguém...

Este enunciado percorre de forma reiterada as imagens e as palavras selecionadas pelos alunos: *O cachorro é melhor amigo do homem*. Não apenas deles, uma vez que percebemos o destaque que a relação entre homens e cães possui, de maneira geral, na cultura.

O cachorro é considerado, pelos alunos, como verdadeiro, companheiro, leal, atento, protetor, aquele que se doa sem esperar nada em troca – qualidades que diferem das relações entre os seres humanos. Ao cão são atribuídas, inclusive, características humanas, uma vez que ele pode, em muitos momentos, *falar*, segundo os jovens.

O cão, acima de tudo, é parceria: está por perto quando necessário, *entende* os sentimentos dos seus donos. Como lembra Émile Faguet, ao estabelecer alguns *mandamentos* sobre a amizade, a relação entre os homens e os cães não pode ser esquecida, principalmente no que tange à entrega que se estabelece, por parte dos animais: “Todos nós amamos o cão por ele nos amar, e porque, com o afecto que nos tem, emprega todos os esforços para se parecer conosco; amamos n’ele o ‘candidato à humanidade’” (Faguet, 1911, p. 10). É este aspecto, de *humanidade* do animal, de antropomorfização, que percebemos ser destacado pelos alunos, possibilitando a definição de uma *amizade canina*.

Tais manifestações reforçam a ideia de que o valor da relação com os animais, aquilo que mais é apreciado pelos alunos, está na possibilidade de “[...] xingar e chutar” e, em seguida, sem a necessidade de conversa ou de um pedido de desculpas, ter os cachorros à disposição: eles “[...] voltam e lambem tua mão”, conforme a fala de um aluno da oitava série. Sem necessidade de negociação, a relação se torna totalmente facilitada: “[...] tudo o que tu falar pra ele, vai aceitar e não vai comentar”, relata outro menino da oitava série. Ou seja: como um tirano – que não possibilita a relação de poder e muito menos manifestações de resistência –, o dono do cachorro está acima e detém toda a autoridade. Cícero, o filósofo romano, em suas reflexões sobre a amizade, preocupa-se em alertar sobre aquilo que considera *teses absurdas* sobre as relações de amizade. Em uma delas, a equiparação entre uma amizade por interesse (e, portanto, considerada menos valorosa) e o tratamento que os homens dispensam aos cães: “Mas a maior parte dos homens não conhece nada de bom nas coisas humanas senão o que lhes interesse e tratam seus amigos como aos animais, estimando mais aqueles de quem esperam recolher mais proveito” (Cícero, 1997, p. 104).

Aqui lembramos o que já foi comentado, a prática do *relacionamento de bolso*, segundo Bauman (2003), a pessoa que utilizamos e descartamos na hora que quisermos, sem responsabilizarmo-nos ou nos comprometermos com o necessário retorno que advém do outro com quem estabelecemos a relação. Trata-se, portanto, de um relacionamento que, emocionalmente, é menos custoso, pois além de solicitar tudo ao outro, permite um desligamento a qualquer momento. Seria esta uma relação de amizade? Ou mais, seria possível encontrar brechas para uma relação, uma vez que a possibilidade de reciprocidade não é possível de ser estabelecida?

O que problematizamos nesta seção é o entendimento de que o cão poderia mesmo ser tomado como um amigo, não em forma de metáfora, mas na sua acepção literal. Considerar as relações de amizade como um ato unilateral, como isenção de responsabilidades e de negociação (próprios do humano). Parece que uma simples obediência e submissão, características do animal, seriam as qualidades mais procuradas em um amigo.

Amizade no Século XXI

Neste segundo bloco de análise, propomos pensar nas relações de amizade a partir do impacto de novas tecnologias para os jovens e também entender um pouco mais acerca de suas relações com as gerações anteriores (crianças) e adultos. Os jovens comentam sobre diferenças nas formas de ser amigo na infância e na idade adulta, marcando distinções para sua geração. Outras duas categorias são aqui analisadas: uma que nominamos *Diferenças de Geração* e outra, voltada ao uso constante das novas tecnologias de comunicação pelos jovens, em especial a *Internet*, denominada *Amig@.com*.

Diferenças de Geração

Kátia: Eu acho que... quando a gente é pequeno, eu lembro do tempo quando eu ia pra creche, quando eu ficava muito tempo na creche... tipo... eu acho que uma das melhores fases da vida que eu tive bastante amigos e quando eu aprendi mais foi quando eu era criança porque quando tu é criança tu não tem... tu não tem medo... tu pode ter medo, mas tipo... tu... tu...

Paula: ... tu se entrega!

Kátia: É, tu se entrega mais, entendeu? É que a gente tá numa fase, que qualquer coisa que a gente faz...

Carol: É que, tipo assim, a gente tá numa idade que “ah, vou pagar vale”... vou passar vergonha...

Os alunos apontam as diferenças geracionais nas relações de amizade. E delimitam com exemplos os laços possíveis de serem desenvolvidos durante a infância, juventude e idade adulta: para as crianças, parece que a ingenuidade e a falta de preconceito levam a ver a todos como amigos; na juventude, alguns preconceitos começam a manifestar-se e – mais – o medo de fazer ou falar alguma bobagem (*pagar o mico* ou *pagar vale*, nos comentários de alguns alunos). Na idade adulta, a desconfiança e a preocupação com o trabalho e com a família desviam a atenção das amizades. O entendimento dos jovens encontra respaldo nos achados de uma pesquisa recente. Conforme Souza e Hutz (2008), é possível afirmar, a partir de uma revisão da literatura, que a amizade infantil se caracteriza pelos afetos e divertimentos; a amizade juvenil inclui lealdade, confiança e intimidade, ao passo que a amizade na vida adulta aparece mais restrita, devido às demandas profissionais, românticas e familiares.

Importante perceber como, neste momento, ao falar das diferenças intergeracionais dos laços de amizade, família e amigos aparecem delimitados e separados para os participantes da pesquisa. Os jovens parecem aprender com os adultos a impossibilidade de se confiar *nos outros* e a crescente falsidade nas relações de amizade. O rancor e o individualismo, que caracterizam a amizade entre adultos, são exemplificados nas falas dos alunos.

Questionamos aqui como a infância, lugar de nostalgia e idílio, ocupa este lugar quase ideal de amizade – e como a idade adulta aparece como um espaço em que a amizade já não é possível. Se pensarmos nas relações de amizade de gregos e romanos estudados por Foucault, percebemos a importância do jovem que se relacionava com um adulto – e, muitas vezes, alguém bem mais velho do que ele – para aprender com este adulto (sábio) sobre as intempéries e alegrias da vida.

Amig@.com

Renata: Tem um pessoal que eu conheci lá de Bento Gonçalves.... *online*. A gente

vai construindo a confiança... até já se falou pelo telefone algumas vezes...

Suzana: Pessoalmente tu não conhece ela?

Renata: Pessoalmente eu não conheço, mas eu sei do que ela gosta, quem são os amigos dela, é isso que conta, assim como ela sabe de mim, então, eu acho que dá pra construir uma relação de amizade, de afeto pela *Internet*...

Bruna: É, e tem muita gente que a gente conhece pela *Internet* e quando tu vê tem muitas coisas em comum, e a pessoa mora, tipo, na mesma cidade já aconteceu comigo muitas vezes...

As mudanças tecnológicas que caracterizam esse tempo juvenil de hoje é muito diferenciado do que foi vivido por jovens há nem tão pouco tempo assim – quinze anos, por exemplo. Hoje já é possível dizer que uma nova geração se estabelece em torno de 12 a 15 anos. Ou seja, os jovens do ano 2010 vivem em um mundo bastante diferente dos jovens de 1995. Não há como negar que os meios de comunicação, especialmente a *Internet*, proporcionam novas formas de contato com as pessoas, abrindo espaço para outros modos de relacionamento.

Os alunos contam como a participação da *Internet* em suas vidas proporciona conhecer novos amigos – especialmente aqueles que vivem “[...] longe, em outro estado, com quem a gente pode aprender um monte de coisas”, conforme uma menina da sétima série, mas também seguir em contato com “[...] velhos amigos”, segundo um aluno da oitava série. Uma vez *online*, os jovens tornam-se membros de comunidades virtuais, participam de jogos – em equipes ou individualmente –, conhecem pessoas de outros lugares.

Os jogos pela *Internet* são um dos espaços virtuais em que os jovens se *encontram*, que possibilita conhecer novos amigos. Para Kelly Boudreau, o espaço virtual seria hoje um novo ponto de encontro, ocupado anteriormente, como na década de 1950, pela lanchonete local e mais tarde, nos anos 90, pelos *shoppings*. Conforme a autora, o espaço social *online* (*sites*, jogos) oportuniza uma espécie de pertencimento – daí o uso da palavra comunidade pelo aluno, a *comunidade* do jogo. Aos jovens, a *Internet* possibilita “[...] um espaço ao qual eles sintam que pertencem: como um time de futebol ou grupo social, capacitando-os a sentirem conectados uns aos outros, mesmo que eles se encontrem fisicamente separados” (Boudreau, 2007, p. 77, tradução nossa).

Todavia, os depoimentos não são unânimes a respeito desse tema. Alguns alunos se mostram céticos quanto ao início de uma amizade por meio das conexões virtuais, solicitando um encontro anterior, *ao vivo*, uma convivência quase diária, para poder “[...] explicar pra pessoa como tá se sentindo”. Para outra aluna da sétima série, a definição de amizade virtual passa, inclusive, pela necessidade de um encontro face a face (“[...] eu sei que existe a pessoa”) e que, em seguida, pode ser mantido à distância, através do computador. Ou seja: uma relação que acontece, simultaneamente, com e sem a presença da máquina. A prática da criação de perfis *fake* (falsos) na *Internet* (em sites como *Orkut* e *Facebook*, principalmente) cria uma certa desconfiança quando se conhece uma pessoa exclusivamente pela *Internet*.

Pode-se dizer que, para os estudantes, é bem frequente e séria a crítica aos relacionamentos iniciados exclusivamente pela *Internet*. Trata-se de uma

relação que não solicita um contato clínico, olho no olho, presencial; que, por sua vez, não demanda uma atenção completa e demorada, uma abordagem, uma intervenção – que pode resultar em conflitos ou discordâncias. Ao mesmo tempo, não deixa de ser um modo de contato que permite conhecer aspectos novos (como gírias, formas diferentes de se expressar, gostos e opiniões) e ter acesso a pessoas que moram em outras regiões do país e do mundo.

Desse modo, é preciso problematizar os estudos que apontam para a crescente solidão que as novas tecnologias suscitarão: os jovens nos contam que pelas ondas da *Internet* é possível, sim, estar conectado a amigos, sejam eles de longa ou recente data. Por mais que essas relações possam ser questionadas, elas acontecem e são apontadas por eles como reais e possíveis.

Amizade como Possibilidade e Risco

Neste terceiro bloco de análise, buscamos a importância das diferenças nas relações, apontada pelos jovens nas amizades entre meninos e meninas, além da valorização de formas de ser amigo que incluam o confronto, as diferenças de pensamento e os desentendimentos. Tais confrontos trazem consigo a perspectiva de aprendizagem e transformação, mas igualmente apontam para uma irredutível diferença. *Relações de Gênero e Necessidade das Diferenças* são os títulos utilizados para as últimas categorias de análise.

Amizade e Relações de Gênero

Marina: Às vezes uma amizade entre guris, assim, tipo, eles nem sempre estão se espancando como esses aí, né (olha pros meninos, ri), nem sempre estão em rodinha se espancando e falando de mulher e coisa assim...

Fábio: Eu não espanco ninguém!

Marina (continuando): Amizade entre guris também tem confiança e tem tipo, eles guardam segredos um do outro... não é muito diferente de guria... acho que a diferença é que guria não se espanca! Só isso!

(Agitação, todos querem falar)

Fábio: Guria guarda muito rancor!

André: Porque, olha só, eu também não posso chegar pro Fábio e falar: “ai, linda, que cor de batom tu vai comprar, rosa ou vermelho?” Não dá, né?
(Meninos riem)

Bianca: Uma amizade entre menino e menina eu acho que é super importante pelo fato de tu ouvir os pensamentos do sexo ao contrário do teu...

Jonas (interrompendo): Oposto!

Bianca: Sexo oposto, porque eu acho que são pensamentos bem diferentes e eu acho muito legal ter uma amizade com menino, porque também muitas pessoas levam na malícia, muitos meninos até acham que tu quer ser amiga dele, mas aí acabam levando pro outro lado e não é isso, sabe? Eu procuro ter muitos amigos meninos e contar as minhas coisas pra eles, mas pra aqueles que eu confio...

O debate sobre as diferentes formas de amizade entre meninas e meninos aconteceu em todas as turmas. Não discutimos apenas sobre os laços de amizade entre os diferentes gêneros, mas também sobre as relações de amizade exclusivamente femininas e exclusivamente masculinas. Relações de amizade entre meninos e meninas foram seguidas das discussões sobre as diferenças entre amor e amizade, e talvez este tenha sido o assunto mais polêmico e integrador de todos os tópicos comentados. Polêmico no sentido de mobilizar acalorados debates, e integrador por trazer para a conversa alguns alunos que até então não haviam participado, com inclusão maior de meninos no debate. A amizade entre gêneros, nesta pesquisa, apareceu como aquela que possibilita desafiar-se a si mesmo e compartilhar informações, segredos, bem como aprender novas formas de pensar – características que marcam as relações de amizade imaginadas por pensadores como Michel Foucault.

Mesmo sob o olhar malicioso dos adultos, os alunos apostam na amizade entre meninos e meninas. Ainda assim, e ao mesmo tempo, a amizade exclusivamente entre meninas aparece com muita desconfiança, especialmente por parte delas mesmas.

Necessidade das Diferenças

Letícia: Tem aquela história de que... de quando... a gente é bem diferente... porque a Mariana e eu, a gente é bem diferente: sim, tá a amizade... não é aquela que é sempre... amizade de verdade não é aquela em que as pessoas estão sempre de bem, sabe, é aquela que pessoas não é que vivem brigando, mas brigam bastante por causa das diferenças, por causa das atitudes erradas que os outros querem ajudar...

Apesar da força de um discurso da amizade que ainda insiste em utilizar a metáfora familiar, em apelar para a semelhança e a harmonia entre os amigos, podemos perceber que as diferenças também contam para as relações de amizade – e, em alguns momentos, de maneira bem marcada pelos jovens. Os alunos passam então a nomear as brigas, a falta de consenso e trazer as diferenças de opinião, de gosto, de comportamento, de pensamento, como componentes também importantes dos laços de amizade.

E essas diferenças são constituidoras de sentidos para as relações de amizade, complementam as trocas e enriquecem os relacionamentos entre os jovens. Neste momento, os alunos parecem perceber a importância das diferenças e um certo obstáculo que a semelhança dos *siameses* (da fusão, da identificação) traz consigo. A ideia de harmonia, de união completa e total é colocada em suspenso quando se acredita que em *nenhuma amizade se consegue dialogar perfeitamente*.

Aqui percebemos também as intervenções entre os colegas, os complementos nas falas, a participação dos alunos na entrevista, incentivada pela metodologia de pesquisa. O que nos indica o elemento fundamental das relações

de amizade: a participação do outro que me incita a pensar, a pensar diferente, a complementar minhas ideias ou a discordar das mesmas – que leva a uma certa transformação.

Principais Resultados da Pesquisa

Foucault, no prefácio de *As Palavras e as Coisas* (1992), insiste na *pura impossibilidade de classificar* e segue, no decorrer do livro, abordando a presença marcante da linguagem e das imagens na ordem que estabelecemos em tudo aquilo que nos dispomos a aprender. Dispusemo-nos a aprender, neste trabalho, sobre os modos de ver e falar sobre amizade entre os jovens na contemporaneidade. Foucault afirmava que as sucessões da sintaxe entre as palavras e as coisas criam uma configuração, indicando os elementos discursivos de uma época, aquilo que se pode (e igualmente o que não é permitido) dizer, em um determinado momento.

O que permite que estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental, em 2009, ao imaginar e falar sobre as relações de amizade, indiquem que o cachorro é o melhor amigo do homem – e deles mesmos, conseqüentemente? Como esse enunciado, muito frequente no senso comum, desloca-se da função de metáfora para desempenhar um papel de verdade concreta, literal e *real* nos modos pelos quais os jovens se percebem, quanto às práticas de amizade? A figura do cão, selecionada em quatro diferentes imagens (entre elas, um desenho realizado pelos alunos), parece corporificar as configurações de uma relação menos custosa emocionalmente, porque isenta de responsabilidade e comprometimento. Também, conforme as falas dos alunos, essa seria de fato uma *amizade verdadeira*, porque o cachorro não critica, não discute, não enfrenta, não confronta. Ora, estes seriam exatamente os aspectos fundamentais (crítica, discussão, confronto, embate) que definem uma relação agonística da amizade. Em outras palavras, que definem o próprio *ser* da amizade, segundo Michel Foucault.

Falamos inicialmente sobre os contornos intimistas e familiares da amizade, que podem ser então associados à amizade como igualdade e semelhança, nas categorias *Amizade Canina* e *Metáfora Familiar*. Considerar como melhor amigo o irmão *de sangue* ou afirmar que os amigos *são a nossa segunda família* são ditos que contribuem para entender que os laços familiares seriam os mais sólidos – o que, a nosso ver, aponta para um certo desejo de previsibilidade das relações. A força do discurso familiar não é exclusividade destes tempos marcados por conectividades digitais. Foucault já denunciava, na década de setenta, a dificuldade de tomar outro modelo de relacionamento entre as pessoas, diferentemente do familiar. Atestava, assim, uma dificuldade na capacidade de experimentar, de brincar com o imprevisível, de sair de si mesmo em direção ao outro diferente de mim.

Contudo, há que se destacar: ainda que muitos adultos salientem as dificuldades de comunicação e outras questões problemáticas nas relações entre os jovens e a família, esta segue sendo uma referência importante para os meninos e meninas que atravessam – e são atravessados por – estes tempos. O discurso sobre os laços familiares permanece como modelo, como padrão para o relacionamento de amizade entre jovens.

Os alunos da contemporaneidade, estes *nativos digitais*, apresentam suas singularidades, características de quem nasceu e cresceu em meio às inovações tecnológicas, especialmente aquelas relacionadas às formas de comunicação. Pudemos perceber o quanto os participantes desta pesquisa dedicam um tempo considerável em frente à televisão e ao computador, envolvidos especialmente com *sites* de relacionamento, como *Orkut* e *MSN*. Poderíamos entender, assim, como alertava Bauman (2003), que os jovens se isolariam em suas casas, preferindo as conexões, ao invés dos relacionamentos? E que por isso, talvez, teriam menos amigos?

Não é o que os resultados desta pesquisa apontam, pois, inseridos neste mesmo contexto, os jovens puderam nos contar sobre a aventura que é conhecer alguém, completamente diferente e *estranho*, pelas ondas da *Internet*. Ou ainda, sobre as possibilidades de manter uma amizade via *MSN* ou através de outros *sites* de relacionamento. E eles não se sentem, dessa forma, mais solitários ou afastados das relações pessoais: segundo dados do estudo, mais da metade dos jovens considera que têm muitos amigos; outros 40% indica que um número razoável de amigos compõe sua rede de relações.

A *Internet* é considerada, por eles, uma rede legítima de encontro: mais de 70% dos jovens apontam a *Internet* como um lugar de encontro com os amigos, ainda antes que o espaço de casa (escolha de 54% dos jovens pesquisados) ou da rua (para 52% dos jovens). Apreende-se a famosa *www* (*world wide web*, ou rede de alcance mundial) como um lugar quase que fisicamente demarcado: as expressões que utilizam, como *entrar no computador* ou *mexer no computador*, dão conta de um espaço que é possível acessar e onde se realizam ações. Entendemos como a relação *televisão – computador – sair e conversar com amigos* não é excludente, mas sim complementar: são estas as atividades preferidas por eles nos momentos de lazer. Como bem demonstra o depoimento de um dos jovens, quando solicitado a escrever sobre o que mais gosta de fazer no seu tempo livre: “Duas coisas: eu gosto de sair com todo mundo e ficar no computador”.

Uma das contribuições que este estudo propõe é o entendimento de que os modos de relacionamento jovem adquirem, sim, novas formas de configuração na contemporaneidade; contudo, os laços de amizade seguem sendo valorizados e afirmados como fundamentais em suas vidas cotidianas, sejam eles realizados por meio de computadores, seja dos encontros na sala de aula, nas ruas do bairro, ou na casa de amigos.

Outro achado desta pesquisa enfatiza a dinâmica de gênero nas relações de amizade. Os jovens apontam para a peculiaridade nos modos de relacionamento

entre meninos e meninas, talvez de uma forma pouco pensada até há algum tempo. Eles discutem sobre suas diferenças e apostam na possibilidade de um laço de amizade que lhes permite ensinar e aprender, mutuamente. Ao mesmo tempo, a amizade feminina segue sendo questionada – inclusive pelas próprias meninas: estaríamos, ainda hoje, reproduzindo um discurso que atribui única e exclusivamente ao homem o exercício pleno da amizade? Mais intrigante ainda: os alunos colocam sob suspeita os laços de amizade entre homens mais velhos do que eles; segundo os alunos, os adultos se voltam para a família e para o trabalho, desvalorizando e abrindo mão de amigos.

Percebemos de que maneira a escola possui um papel fundamental na construção dos laços de amizade para jovens gaúchos, entre 12 e 15 anos, alunos de uma escola pública: a escola é, definitivamente, o reduto por excelência, escolhido por eles, para encontrar seus amigos; é na escola que, de fato, está a maioria dos amigos de cada um dos jovens pesquisados. Ao menos é assim que 90% dos jovens indicam que seus amigos são aqueles com quem se relacionam na escola. Não podemos desconsiderar a relação entre a faixa etária dos sujeitos participantes e os resultados apresentados por esta pesquisa, pois, conforme estudos anteriores, a escola é o local privilegiado para se fazer amigos na fase inicial da juventude (Brenner; Dayrel; Carrano, 2005).

Talvez tudo o que vimos nos provoque a necessidade de ir adiante, de pensar de outro modo – em uma palavra, reinventar – as relações de amizade, com o apoio da escola. Trata-se de investir na escola como abertura de espaço para pensar sobre uma nova ética da amizade, para enfatizar os laços de amizade como um processo e não como mero *sentimento natural*. Gostaríamos de chamar a atenção para a amizade como possibilidade e risco, aquela que parece mais voltada para o espaço público – e que poderia ser o espaço público da escola. Nessa noção de amizade, categorias como *Relações de Gênero e Necessidade das Diferenças*, aqui estudadas, apontam para uma abertura ao diferente, para as possibilidades de questionamento, pensamento e transformação que o outro – no caso, o amigo, a amiga, a turma de amigos – produz em mim, e em cada um de nós.

Considerações Finais

Em seus últimos estudos, especialmente em *A Hermenêutica do Sujeito*, Michel Foucault (2004) investigou a contemporaneidade das interrogações éticas de gregos e romanos nos séculos I e II em busca de uma relação consigo que passa, necessariamente, pelo cuidado com o outro. Para efeito deste trabalho, perguntamo-nos acerca da atualidade do cuidado de si nas relações de amizade dos jovens, naquilo que tal cuidado possibilita em termos de transformações e de conversões de si, a partir do encontro com o outro.

Ao final deste trabalho, avaliamos que a metodologia de trabalho utilizada para esta pesquisa contribuiu, mesmo que modestamente, para ampliar o

entendimento do conceito de amizade – para fazer avançar o conhecimento quanto a essa importante prática em nossas vidas. O importante a destacar é que o modo de investigação não aconteceu desarticulado das escolhas teóricas: ambos se apresentam intrinsecamente relacionados, estabelecendo-se nexos e continuidades entre eles.

Percebemos, pela análise feita, a presença constante de expressões como *amizade verdadeira* e a *naturalidade* das relações de amizade – como se esta fosse extremamente difícil de expressar-se em palavras. Tais ditos são igualmente celebrados pela indústria publicitária, que não se cansa de celebrar a amizade, com base em tintas e tons intimistas e familiares. Cabe à Educação, como campo de saber, espaço legítimo de pesquisa e estudos teóricos, avançar e insistir em novas formas de se pensar os laços de amizade.

Pensamos igualmente que pesquisadores e profissionais da Educação poderiam dedicar-se a investigar de modo especial as possibilidades da relação agonística dos laços de amizade – tal como propôs Michel Foucault –, com o objetivo de lançar outros olhares aos desafios e incitações recíprocas deste jogo com o poder.

Quisemos falar do encontro com o outro, encontro que implica riscos e enfrentamento com o desconhecido (diferentemente do apelo à metáfora familiar), mas que por esta mesma razão oportuniza trocas, convivência e transformação. Esta ideia atravessa a noção de amizade como projeto vazio, conforme discutido por Foucault, no sentido de encontrar nos laços de amizade espaços para experimentação e criação, desafio e provocação; uma relação para ser constantemente reinventada – que se encaminharia, por sua vez, para aquilo que o autor denominou *estilística da existência*.

Mesmo que a amizade como possibilidade e risco seja bastante restrita e até rara nos enunciados dos alunos, conforme os resultados desta pesquisa, pensamos que é justamente a partir dela que seria criativo e desafiador insistir na abertura à alteridade e às possibilidades de transformação, produzidas nos laços de amizade. Nesse sentido, os espaços que a escola oferece poderiam ampliar-se ainda mais, em termos qualitativos, nesta tarefa de produção ética e estética do sujeito jovem.

Recebido em junho de 2010 e aprovado em março de 2011.

Notas

1 O livro reúne as aulas de Michel Foucault, proferidas no *College de France*, de janeiro a março de 1982. O curso propõe um novo estilo de ensino: além de apresentar os resultados de seu trabalho de investigação, Foucault mostra, passo a passo, o processo de pesquisa: “O curso assume, então, a feição de um laboratório vivo mais do que de um balanço rígido” (Gros, 2004, p. 628).

2 Neste trabalho, em virtude do espaço limitado, apresentamos e discutimos os resul-

tados relacionados à terceira fase da pesquisa. Porém, não deixamos de mencionar alguns resultados referentes à primeira e segunda etapas da pesquisa.

- 3 Na primeira pergunta do questionário, que questiona: “Com quem você mora?”, eles assinalam com precisão quem são as pessoas que moram com eles: no espaço destinado a *pai/mãe*, os jovens circularam, muitas vezes, a palavra *mãe*, enfatizando, com isso, que moram apenas com ela.

Referências

- ARENDT, Hannah. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BALDINI, Massimo (Org.). **Amizade & Filósofos**. Bauru: EDUSC, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalization** – The human consequences. New York: Columbia University Press, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Modernity**. Cambridge: Polity, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Love**. Cambridge: Polity, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Does Ethics Have a Chance in a World of Consumers?** Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- BOUDREAU, Kelly. The Girls’ Room: negotiating schoolyard friendships online. In: WEBER, Sandra; DIXON, Shanly. **Growing Up Online**. Young people and digital Technologies. Palgrave MacMillan: New York, 2007. P. 67-79.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do Lazer e do Tempo Livre dos Jovens Brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira** – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005. P. 175-214.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Saber Envelhecer/A Amizade**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. Famílias Desorganizadas. In: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que Amanhã**: diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. P. 48-62.
- FAGUET, Émile. **Da Amizade**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911.
- FOUCAULT, Michel. A Cultura de Si. In: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. V. 3: O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p. 45-73.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a Genealogia da Ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995a. P. 253-278. Entrevista concedida a Paul Rabinow e Hubert Dreyfus.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995b. P. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. La Ética del Cuidado de Si como Práctica de la Libertad. In:

- FOUCAULT, Michel. **Estética, Ética y Hermenêutica**. Barcelona: Paidós, 1999. P. 393-415. Entrevista concedida a H. Becker, R. Fornet-Betancourt e A. Gómez-Müller.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Uma Estética da Existência**. Entrevista concedida a A. Fontana. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>>. Acesso em: 30 set. 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Da Amizade como Modo de Vida**. Entrevista concedida a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>>. Acesso em: 24 maio 2010.
- HARPER, Douglas. **Talking About Pictures: a case for photo-elicitation**. Visual Studies, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002.
- KEHL, Maria Rita. **Função Fraterna**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- KEHL, Maria Rita. **A Fratria Órfã: Conversas sobre a juventude**. São Paulo: Olho D'Água, 2008.
- LOHUIZEN-MULDER, Mab Van. **Images of Justice, Humanity and Friendship**. Wassenaar: Mirananda, 1977.
- MONTAIGNE, Michel de. Da Amizade. In: MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. V. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987. P. 91-97.
- ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- ORTEGA, Francisco. **Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida e Foucault**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PROSSER, Jon; SCHWARTZ, Dona. Photographs Within the Sociological Research Process. **Image-Based Research**. London: Falmer Press, 1998. P. 115-130.
- PROSSER, Jon; LOXLEY, Andrew. **Introducing Visual Methods**. ESCR, National Centre for Research Methods, 2008. Disponível em: <<http://eprints.ncrm.ac.uk/420/1/MethodsReviewPaperNCRM-010.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2009.
- SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Cláudio Simon. Relacionamentos Pessoais e Sociais: amizade em adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 257-265, abr./jun. 2008.

Suzana Feldens Schwertner é psicóloga e doutora em Educação, com pós-doutorado concluído em maio de 2011, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora do Centro Universitário UNIVATES.
E-mail: suzifs3@hotmail.com